

Prefácio

A Magia da Leitura 2

As crianças e jovens com dislexia estão habituados a dificuldades. Quase sempre experimentam o insucesso académico, pelo menos no início da escolaridade, quando a aprendizagem da leitura e escrita parece ser a tarefa mais importante da vida e se veem a defraudar as expectativas dos professores, as dos pais e, sobretudo, as suas próprias. É com perplexidade que tomam consciência da diferença em relação a colegas com o mesmo, ou menor, nível cognitivo para quem ler e escrever parece um processo natural que se aprende como a andar ou a pedalar. Na verdade, não o é.

A escrita é uma criação muito recente na escala evolutiva e o cérebro humano tem de encontrar na sua estrutura, com 200 milénios, recursos para desempenhar uma tarefa que lhe não é inata, nem natural.

Numa pequena percentagem da população, esses recursos não se desenvolvem com eficácia e o processo da leitura acaba por mobilizar áreas e circuitos cerebrais mais dispersos e inoperantes.

A estratégia adequada para ajudar estas pessoas a conseguir um desenvolvimento congruente com as suas capacidades inclui duas vertentes.

A primeira é minimizar o impacto que a inabilidade para ler e escrever tem nas outras áreas da aprendizagem. Estas crianças e jovens têm muito maior dificuldade em aceder à informação de que necessitam, ainda maioritariamente disponível de forma escrita, e têm também maior dificuldade em demonstrar as suas aptidões, se lhes for exigido que o façam escrevendo.

É bem claro que devem ser ensinados e avaliados de uma forma predominantemente oral. Mas isso não deve levar ao puro abandono e desistência da leitura e da escrita. Elas são de tal forma valorizadas do ponto de vista académico e social que qualquer pequeno aperfeiçoamento na competência com que são praticadas representa um progresso capital no desenvolvimento e bem-estar pessoal. Esse esforço, importante e necessário, constitui a segunda vertente do acompanhamento destas crianças.

É um trabalho cheio de barreiras, incómodo e penoso como já estão habituados as crianças e jovens com dislexia. E, num cenário adverso, muitas vezes apontam-se falsos atalhos e ilusórias soluções fáceis, quase risíveis se não fosse pelos prejuízos que causam, pelas erradas expectativas e pelo longo desvio que suscitam das terapêuticas corretas.

É neste panorama que se tem destacado o trabalho de Paula Teles. Assente numa longa prática de apoio direto a muitíssimas destas crianças, em conformidade com os estudos mais autorizados sobre os mecanismos da dislexia, compreendeu e aceitou a responsabilidade de deixar sistematizado o seu método e permitir a sua utilização alargada.

O presente volume vem na continuidade deste trabalho solitário e generoso, de grande rigor e cuidado, mas também absolutamente original e único no panorama da língua e da pedagogia portuguesas.

José Carlos Ferreira

Neurologista pediátrico, Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental.